

SEQUÊNCIA 2

A simbologia numérica

Os poemas da *Mensagem* agrupam-se em blocos mais restritos, a que correspondem os números 1, 2, 3, 5, 7 e 12, num total de 44 poemas. A divisão foi consciente por parte de Fernando Pessoa, encerrando a mesma e os números referidos um significado muito próprio, associado ao sentido dos poemas.

Número 1 – número que simboliza o Ser, por excelência, a Revelação. Ele concentra, igualmente, a ideia harmónica entre o consciente e o inconsciente, realizando a união dos contrários, pelo que se liga à Perfeição. Os polos opostos unem-se numa totalidade que os concilia e da qual resulta uma energia que dá ao humano a comunhão com o transcendente.

Número 2 – número que pressupõe a dualidade, seja ela expressão de contrários ou de complementaridade. Simboliza, pois, o dualismo sobre o qual se apoia qualquer dialética, qualquer esforço ou combate, qualquer progresso.

Número 3 – número que remete para a união entre Deus, o Universo e o Homem, pelo que representa a Totalidade. Remete para a ordem intelectual e espiritual em Deus, no cosmos ou no Homem. É o número da Perfeição, aliado a valores cristãos (a Santíssima Trindade). Por outro lado, sugere ainda as fases da existência: nascimento, crescimento e morte.

Número 5 – número da Ordem, do Equilíbrio e da Harmonia, já que se situa no meio dos nove primeiros números.

Número 7 – número que corresponde à totalidade das energias, após a completude de um ciclo (por exemplo, a semana, período temporal unificante). Logo, representa a conclusão e a renovação cíclicas.

Número 12 – número que remete também para uma unidade, ou um universo na sua complexidade interior (por exemplo, um ano, com doze meses). É igualmente o número da eleição do povo de Deus e remete para as realizações, mutações, até na própria evolução do Universo. Alude aos ciclos que se fecham e aos quais se sucede um renascimento.

Mensagem é uma obra dividida em três partes estruturantes – “Brasão”, “Mar Português” e “O Encoberto” – em que cada uma remete para uma fase do percurso vital que a obra simboliza (nascimento, vida e morte). Sendo o três o número da perfeição, esta divisão representa um equilíbrio e uma ordem superiores, a união entre Deus, o Universo e o Homem.

Na primeira parte, “Brasão”, encontramos cinco subpartes, simbolizando a harmonia do momento aludido (a fundação da nacionalidade). Dessas, a primeira (“Os Campos”) é composta por dois poemas, numa dualidade que remete para os polos opostos que formam a totalidade: o poema “O dos Castelos” alude às grandezas materiais do reino e “O das Quinas” aos mártires dos sonhos. A subparte “Os Castelos” contempla sete poemas representativos de um ciclo perfeito, unificante, com referência a figuras históricas e míticas ligadas à fundação e renovação da pátria.

Já na subparte seguinte, “As Quinas”, deparamo-nos com cinco poemas, numa alusão simbólica ao equilíbrio deste número, personificado em cinco mártires, representantes, por sua vez, das cinco chagas de Cristo. São figuras que contribuíram para a salvação e consolidação da nacionalidade com o seu sofrimento em nome de Cristo.

A subparte “A Coroa” integra um único poema, dedicado a Nun’Álvares. Sendo o número um o símbolo da perfeição, da totalidade entre o humano e o transcendente, esta figura histórica representa a unidade, o centro harmonioso e sobre-humano a partir do qual se processa a evolução.

A última subparte, “O Timbre”, é formada por três poemas, simbolizando cada um uma parte do Grifo que está representado no sinal. A tríade representa a realização e a marca que anuncia uma nova fase na História nacional: as três figuras escolhidas nos poemas (Infante D. Henrique, D. João II e Afonso de Albuquerque) são as que formam a ideia de expansão, a desenvolvem e concretizam.

A segunda parte de *Mensagem* é constituída por doze poemas. Esta parte, apresentada sem subpartes, simboliza uma certa complexidade interna, associada à ideia de ciclo que se fecha e a uma nova realização, compreensível quando associada às figuras contempladas nos poemas, figuras ligadas aos Descobrimentos e que participaram na sua planificação e concretização. Os doze poemas remetem, pois, para o ciclo dos Descobrimentos.

A terceira parte, “O Encoberto”, é formada, mais uma vez, por três partes, numa perfeição e num equilíbrio associados à simbologia do momento da obra: o advento de uma nova era harmoniosa em si mesma.

A primeira subparte, “Os Símbolos”, integra cinco poemas, bem como a última, “Os Tempos”, partes que pretendem evidenciar sinais de um equilíbrio anunciado e de harmonia de um novo tempo que chegará.

A subparte intermédia, “Os Avisos”, colabora com as restantes na configuração da ideologia a transmitir – sobretudo na divulgação de um Quinto Império Espiritual em breve concretizado – sendo formada, em coerência com as restantes subpartes, por três poemas associados a figuras míticas e anunciadoras do novo tempo de perfeição (Bandarra, António Vieira e um “eu”).

A última subparte apresenta cinco poemas, remetendo para a harmonia a atingir no fim de um tempo imperfeito, que será substituído pelo equilíbrio de uma nova era anunciada no “Nevoeiro”.